

# ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

CADEIRA N. 30

Patrono: OSCAR DA GAMA

*Diário de Minas, 3-3-1957*

OSCAR DA GAMA — Oscar Nogueira da Gama, que guarda pelos apelidos origem alta, nasceu em Juiz de Fora em 22 de maio de 1870 e faleceu na mesma cidade em 21 de abril de 1900. Inteligência fora do comum, vivíssima, espírito generoso, afável, aos quinze anos de idade estava ainda analfabeto, em virtude da extrema pobreza dos pais, aos quais prestava ajuda na luta pela subsistência. Passando a frequentar o Colégio Julio Pinto, revelou logo o belo talento, que possuía. Inclinado ao teatro, compôs



Oscar da Gama

pequenas peças teatrais, cenas de "lever de rideau" ou "sketch", como se diz na atualidade. Aventurou-se a uma comédia intitulada — "Chô-mosca"! Representada pelos artistas de maior projeção, existentes em Juiz de Fora, alcançou êxito incomum. As figuras mais ilustres da "Manchester mineira" teceram louvores ao genial menino. Apesar da idade e da incipiente instrução, sabia urdir, como se fora profundo conhecedor da técnica teatral, cenas interessantíssimas, nas quais o lado cômico surgia impressionantemente. Meninote ainda, redigira o jornalzinho "O Pirlampo", que éle próprio editou. Aos dezenove anos de idade, reuniu os poematos que vinha compondo na vida escolar, dando-lhe o título — "Luares". Prefaciou-lhe o livro o grande

poeta Augusto de Lima, que lhe dedicou linhas expressivas. Trabalhando como escrevente no Cartório do Primeiro Ofício de Orfãos e Privativo de Ausentes, de que era titular o seu pai, major Inácio Nogueira da Gama, aproveitava folgas para os trabalhos literários. Ainda bem moço, escreveu outra peça teatral, espécie de "vaudeville Juiz de Fora, fora de juízo", levada à cena no teatro mais rico da grande cidade mineira. Foi surpreendente o resultado. Seu nome corria de boca em boca sob louvores, não apenas nos meios populares, mas também pelo que Juiz de Fora possuía de mais ilustre no tempo. Os cadernos de poesias acumulavam-se nas suas gavetas: "Notâmbulos", "Folhas Soltas", "Heliantos" e "Flor Rubra". Dividindo o tempo entre os trabalhos profissionais e a literatura, sem nunca se esquecer do teatro, começou a escrever em jornais, tendo fundado com Correia de Azevedo em 1900 a revista "Cigarras", que foi o seu canto de cisne. Antes, em 1898 lançara com Luís de Oliveira o décimo primeiro jornal diário de Juiz de Fora, intitulado — "Novidades". Colaborou em vários jornais da "Manchester mineira", notadamente em "O Farol", "Jornal do Comércio" e "Correio de Minas". Estava a atingir os jornais do Rio, quando, vítima de insidiosa molestia, veio a falecer. Bem de notar é que o teatrólogo, jornalista e poeta já se achava curvado ao peso de incurável angústia com o falecimento de único filho que possuía. O desaparecimento do intelectual despertou profunda máguia na cidade natal, que, imediatamente, se moveu em tributos excepcionais à sua memória. Eduardo de Menezes, Belmiro Braga, Lindolfo Gomes, Brant Horta, Mario Magalhães, Luís de Oliveira, Albino Esteves e outras personalidades lançaram a campanha de um monumento que recordasse a grande figura juizdeforana. Concretizado em marmore de Carrara pelo artista Giuseppe Caporalli, foi erguido no Parque Halfeld da referida cidade. Ao pé do monumento foi gravada, também em marmore, a última quadra da poesia "Homo". As cadernos de poesias, deitados pelo intelectual foram enfeixados em publicação póstuma, sob o título — "Flora rubra". No Dicionário Enciclopédico Internacional, vol. XIII, pag. 7.912, há uma nota biográfica a respeito do poeta.

**LUIS DE OLIVEIRA** — Fundador da cadeira n. 30 e um dos fundadores da Academia Mineira, nasceu em Sapucaia, Estado do Rio de Janeiro, no dia 25 de agosto de 1874. Filho de Albino Eufrázio de Oliveira e Joaquim José de Oliveira, é tio de Albino Esteves que foi fundador da cadeira n. 1. Fez os estudos primários na terra natal. Vindo para Juiz de Fora no verdo dos anos, ingressou no cartório do Primeiro Officio de Offícios e Privativo de Ausentes, ligando-se a Oscar da Gama em fraterna amizade. Fez-se auto-d'ata, dedicando-se à poesia e ao jornalismo. Fundou com o seu inseparável amigo o jornal diário "Novidades", que circulou em Juiz de Fora por algum tempo. Publicou "Sertanejar", "Sorrhos e Visões", "Portugal no Brasil" e "Cenários", todos em Juiz de Fora. Trabalhos da mocidade, deram-lhe projeção nas letras e levaram-no ao grupo de intellectuais do porte de Eduardo de Menezes, Machado Sobrinho, Heitor Guimarães, Balmiro Braga, Brant Hortá, Francisco Lins, José Rangel, Albino Esteves, Amanajós de Araujo, Lindolfo Gomes e Dilermando Cruz, com os



**Luis de Oliveira**  
aos trinta anos

quais fundou a Academia Mineira. Para a cadeira n. 30, escolheu o nome de seu amigo Oscar da Gama. Exercendo magistério e o jornalismo por algum tempo, viu-se forçado a deixar Juiz de Fora, fixando-se no Rio, onde, na Casa da Moeda, trabalhou durante muitos anos, aposentando-se no cargo sob o elogio de seus superiores. Retirando-se para o Estado do Espirito Santo, escolheu Cachoeiro do Itapemirim como centro de suas atividades. Nesta cidade, fundou a revista "Alfa", de finalidades espirituualistas. Em colaboração com sua esposa Ipoméia de Oliveira, que é também escritora, publicou "Folhas de Natal" "Folhas Cristãs". Conserva alguns trabalhos inéditos, entre os quais se notam "Seara Bendita", "Orações Cristãs" e "Nosso Livro". Muitos de seus cadernos estão ainda sem título. Em 1955, publicou o folheto "Vida de Oscar da Gama". Homem profundamente modesto, de bondade sem limites, generoso, compassivo, devota-se ardentemente à doutrina de Leon Rivail Dénizard Hypolite (Allan Kardec). Intsiramente avesso a polémicas, coração multânime, esquecido de si próprio, para se dedicár exclusivamente a planos de caridade, segundo a crença que segue, atingiu a plenitude da placidez, como se fosse a própria imagem de Purna, segundo a concepção de Bilac. Sua longa vida, que ocorre pelos oitenta e três anos, é um exemplo de cordura, de paciência, de desprendimento total e, acima de tudo, de modéstia, que seria incrível, se não fosse autêntica. Luis de Oliveira é dos veteranos da Academia, ao lado de João Massena, Brant Hortá e Gilberto de Alencar. A casa orgulha-se do mestre que, tendo presidido ao nascimento da instituição, nunca lhe negou aprêço e desvelada estima.

(Coleção organizada por Martins de Oliveira).